

PATRONAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE OS ESTUDOS DE TRADUÇÃO E OS ESTUDOS CULTURAIS

Andréa Moraes da COSTA
Universidade Estadual Paulista/Universidade Federal de Rondônia
pfaandrea@ibest.com.br

RESUMO: O artigo destaca que as pesquisas desenvolvidas, na atualidade, pelos Estudos de Tradução estão bastante próximas daquelas desenvolvidas pelos Estudos Culturais. Nesse sentido, o estudo pretende mostrar como o conceito de patronagem de André Lefevere – no âmbito da tradução – se relaciona com as discussões desenvolvidas pelos Estudos Culturais, proporcionando, assim, um diálogo entre as duas áreas. Para tanto, o estudo conta com o aporte teórico de André Lefevere (2007), Lawrence Venuti (2002), Richard Johnson (2000) e de André Mattelart e Érik Neveau (2004), dentre outros teóricos que desenvolvem a temática em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais; Estudos de Tradução; Patronagem.

1. Introdução

Assim como os registros documentais, a literatura é um meio indispensável para que a humanidade disponibilize seus conhecimentos científicos e tecnológicos às gerações futuras, bem como para que se estabeleçam trocas culturais, possibilitando-nos uma melhor compreensão do mundo em que vivemos. Entretanto, um empecilho surge, afetando a disponibilização desses conhecimentos e essas trocas, ou seja, a falta de domínio de línguas ou de uma determinada língua por muitas culturas. Para que esse obstáculo seja atenuado, lança-se mão a atividade de tradução.

Deste modo, a tradução é reconhecida como atividade essencial para a propagação da literatura, uma vez que através da tradução podemos descobrir novos espaços, compartilhar das inovações científicas que são expandidas para as mais diversas nações do mundo, as quais poderão se favorecer de conhecimentos em diferentes línguas. É um dos aspectos positivos da atividade tradutória.

Porém, a tradução pode servir também para atender a fins econômicos, políticos e ideológicos. Mediante a isto, a tradução pode ser uma atividade manipulada por diversos segmentos da sociedade, tais como editoras instituições governamentais, dentre outras. Diante disso, uma relação de poder se estabelece entre a atividade tradutória e a sua divulgação, desencadeando muitos debates acerca deste assunto.

O estudo, portanto, considera que as pesquisas desenvolvidas, na atualidade, pelos Estudos de Tradução estão bastante próximas daquelas desenvolvidas pelos Estudos Culturais. Nesse sentido, o estudo pretende mostrar como o conceito de patronagem de André Lefevere – no âmbito da tradução – se relaciona com as discussões desenvolvidas pelos Estudos Culturais, proporcionando, assim, um diálogo entre as duas áreas. Para tanto, o estudo conta com o aporte teórico de André Lefevere (2007, 1998), Susan Bassnett (1998) Lawrence Venuti (2002), Richard Johnson (2002) e de André Mattelart e Érik Neveau (2004), dentre outros teóricos.

2. O Diálogo entre Estudos de Tradução e Estudos Culturais

Susan Bassnett (1998, p.123) na introdução de seu ensaio sobre tradução literária – *The Translation Turn in Cultural Studies* – destaca a redefinição do objeto de estudo dos Estudos de Tradução. A autora, fazendo referência a uma discussão que realizou juntamente com André Lefevere (1990), observa que nos Estudos de Tradução “[...] what is studied is the text embedded in its network of both source and target cultural signs and in this way Translation Studies has been able both to utilize the linguistic approach and to move out beyond it”¹. Bassnett está referindo-se a “virada cultural” nos Estudos de Tradução.

As análises tradutórias, nesta perspectiva, deixam de lado as preocupações restritas a cotejos que visam determinar uma qualificação para o texto de partida e para o texto de chegada e que, na maioria das vezes, conclui que o texto traduzido apresenta menor qualidade literária que seu original. São análises que enfatizam a fidelidade no ato tradutório e fortemente ligadas às raízes tradicionais.

Ao contrário disto, com a mudança na ênfase dos estudos da área – distanciando-se da fase formalista – os Estudos de Tradução passam a atribuir importância para outros elementos significativos que estão envolvidos na atividade de reescrita² de um texto literário. Bassnett (1998, p.123), então, indica esses elementos: “history and convention”³.

O olhar nessa direção dá o tom diferenciado aos estudos em relação às pesquisas tradicionais. Ao incluirmos a história nas pesquisas sobre o processo de tradução, muitas

¹ [...] o que é estudado é o texto incorporado em sua rede de signos da cultura de origem e da cultura alvo e, dessa forma os Estudos de Tradução foram capazes tanto de utilizar a abordagem linguística e movê-la para além disso. [Tradução nossa]

² A adoção do termo reescrita apoia-se no pressuposto de André Lefevere e Susan Bassnett (2007, p. 11) de que “a Tradução é, certamente, uma reescritura de um texto original”.

³ História e convenção.

questões podem ser levantadas, como por exemplo, como o processo tradutório evoluiu ao longo dos tempos em relação aos objetivos da tradução de determinado período histórico; como que os aspectos históricos influenciaram no processo tradutório em diversas épocas, etc.

Por conseguinte, quando a história é considerada nos estudos tradutológicos, podemos observar um exemplo do caráter interdisciplinar da área da tradução. E é nesse sentido que esta área, particularmente na atualidade, dialoga com os Estudos Culturais. Ambas as áreas possuem elementos comuns em suas agendas.

Além da preocupação com o momento histórico em que os eventos ocorrem, por exemplo, elas também se voltam para questões de relevância social, por meio de ações interdisciplinares, mas sem infringir as diretrizes acadêmicas.

A atenção às dinâmicas sociais e culturais – as ocorrências dos fatos da vida, de que forma eles ocorrem, as consequências dos eventos para a humanidade, como as diversas culturas se comportam mediante determinados acontecimentos, as relações de poder na sociedade, etc. – são tratadas por teóricos como Homi Bhabha, Franz Fanon, Stuart Hall, no âmbito dos Estudos Culturais, mas também estão presentes nas reflexões de estudiosos do campo da tradução, tais como Lawrence Venuti, Susan Bassnett, André Lefevere, dentre outros.

É evidente que ao tratar destes aspectos, ambas as áreas de estudo levantam, inevitavelmente, discussões acerca da política. Conforme Richard Johnson (2000, p.19) acentua, “os estudos culturais podem ser definidos como uma tradição intelectual e política [...]”. A definição do autor apoia-se na conexão que esses estudos mantem com a academia e com as temáticas ligadas às questões populares.

Mas, Johnson (2000, p.22) também adianta que os Estudos Culturais não podem atuar distanciados da compreensão que o estudo das formas culturais deve estar associado às análises do “poder e das possibilidades sociais”. Não basta tratar dos fenômenos culturais, é preciso refletir e localizar as relações de poder que agem no interior desses fenômenos, controlando, manipulando seus direcionamentos.

Para exemplificar isso, aproveitando também para mostrar a relação direta que há entre os Estudos Culturais e os Estudos de Tradução, podemos pensar em processos de colonização, marcados pela relação de poder e manipulação cultural, como no exemplo referenciado por Marie-Hélène C. Torres (2008, p.31):

A seleção das obras brasileiras traduzidas na França até o fim dos anos 1960 reflete o domínio colonial francês em relação ao Brasil: os textos traduzidos

valorizam principalmente a exuberância da natureza tropical e colocam o índio como objeto de colonização e de conversão ao catolicismo. A França apropriou-se rapidamente – sem esquecer as tentativas abortadas de colonização do Brasil (1555/1615) – o poder de ‘re-presentation’ da cultura brasileira, no sentido de apresentar nova e diferentemente, segundo a expressão de Niranjana. O Brasil passou, portanto, do colonialismo português ao domínio sedutor dos modelos franceses de pensamentos, seja literário, social, político ou cultural.

O fato mencionado por Marie-Hélène, além de servir de objeto para os estudos tradutológicos, também interessa aos estudiosos de questões culturais, pois não trata apenas de tradução literária; há uma forte temática cultural presente na questão e que é estudada tanto pela tradução quanto pelos Estudos Culturais. Refiro-me ao colonialismo cultural.

Lawrence Venuti (2002. P.15), chama atenção para o fato de que “assimetrias, injustiças, relações de dominação e dependência existem em cada ato de tradução, em cada ato de colocar o traduzido a serviço da cultura tradutoral”; e isto é o que Venuti denomina como o maior escândalo da tradução. A partir dessa compreensão, a tradução estaria, então, a serviço da cultura receptora, sofrendo uma manipulação literária, no sentido de agradar o público alvo e fomentando um colonialismo cultural.

É primordial que os estudos acadêmicos avancem para além das teorias abstratas, das narrativas subjetivas, é preciso focar nas ações que são produzidas nas tensões entre as diferenças culturais, promovendo mudanças sociais. Pensar o colonialismo cultural no processo tradutório, nesse sentido, implicará em discussões em que estão presentes relações de poder e manipulação literária.

Com a ‘virada cultural’, discussões como estas passam a ganhar importância na academia e a concepção de tradução é norteadada pela cultura e a história, como mencionado anteriormente. Nessa direção, Edwin Gentzler (2009, p.237), observa que:

Algumas perguntas que Lefevere e Bassnett fazem são: por que certos textos são traduzidos e outros não? Qual é a intenção por trás da tradução? Como os tradutores são usados por quem tem tal intenção? Podemos prever como uma tradução poderia funcionar em determinada cultura? Algumas áreas para futuras pesquisas, segundo Bassnett e Lefevere, são o estudo de história para revitalizar o presente, o estudo de tradução pós-colonial para reavaliar modelos eurocêntricos e o estudo de diferentes espécies de críticas, antologias e obras de referência, bem como traduções, para ver como as imagens de textos são criadas e funcionam dentro de uma cultura.

Os questionamentos levantados por Bassnett e Lefevere enfatizam fatores, consideravelmente, influenciados por diferentes contextos socioculturais e sugerem que a atividade tradutória é uma atividade em que a manipulação e controle podem estar presentes.

Independente de sua intenção, segundo Lefevere e Susan Bassnett (2007, p.11), a tradução “reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada”. Para nominar o controle exercido por meio da tradução literária, Lefevere (2007, p. 34) emprega o termo “patronagem”, sobre o qual discutirei na próxima seção.

3. Patronagem/Mecenato

Em suas discussões sobre o controle do sistema literário, Lefevere (2007, p.33) apresenta dois fatores que para ele “garante ao sistema literário não perder demais o passo em relação aos demais subsistemas constituintes da sociedade. Um fator de controle pertence inteiramente ao sistema literário; o outro se encontra fora desse sistema.” Ele está referindo-se, respectivamente, ao profissional e à patronagem (mecenato).

Os profissionais, no interior do sistema literário, são representados pelos tradutores, críticos, professores e resenhistas. Enquanto que a patronagem, como segundo fator de controle, segundo Lefevere (2007, p.34) é “algo próximo dos poderes (pessoas, instituições) que podem fomentar ou impedir a leitura, escritura e reescritura de literatura.” Portanto, encontram-se no exterior do sistema literário.

É nesse universo exterior que estão os editores, editoras, a mídia, que conforme Lefevere (2007, p.35) “operam por meio de instituições montadas para regular, senão a escritura de literatura, pelo menos sua distribuição: academias, departamentos de censura, jornais de crítica e, de longe o mais importante estabelecimento de ensino”.

Lefevere (2007, p.35-36) indica que a patronagem possui três elementos: a) componente ideológico: restringe “a escolha e o desenvolvimento tanto da forma quanto do conteúdo”; b) componente econômico: “o mecenas garante que escritores e reescritores sejam capazes de ganhar a vida, dando-lhes uma pensão ou indicando-os para algum cargo”; c) componente de *status*: está relacionado ao reconhecimento profissional ou ao prestígio do escritor ou reescritor.

O autor ainda apresenta outra classificação para a patronagem, a saber: diferenciada e indiferenciada. A diferenciada refere-se ao sucesso econômico, quando ele “é relativamente independente de fatores ideológicos e não traz necessariamente *status*, ao menos não aos

olhos da elite literária que preserva seu próprio estilo” (2007, p.37). Por outro lado, a patronagem indiferenciada, segundo Lefevere (2007, p.36-37), ocorre “quando os seus três componentes – o ideológico, o econômico e o componente de *status* – são todos fornecidos pelo mesmo mecenas, como era o caso de todos os sistemas literários do passado [...]”.

Considerando as ponderações do autor, sobre o componente ideológico, é possível perceber, no que diz respeito à reescritura e a patronagem que a segue, que o ato de reescrever é uma atividade regulada, controlada pelos fatores ideológicos e econômicos. Esses fatores atuam diretamente no alcance que uma obra reescrita terá, norteados assim seu grau prestígio em distintas culturas.

A regulação e o controle do sistema literário, por meio da tradução, podem ser percebidos em casos em que obras estrangeiras têm dificuldades de serem publicadas em determinados contextos literários – como nos Estados Unidos da América e em países europeus – pois baseados na concepção de autossuficiência literária, alguns países atribuem atenção pouco significativa a traduções de literatura de outros países e, com isto, bloqueiam a penetração da literatura estrangeiras em seus territórios.

No entanto, há outro interesse que possibilita a circulação de obras traduzidas no estrangeiro. É o interesse motivado pelos aspectos políticos e econômicos. Um bom indicativo disto é o caso brasileiro; com a ascensão econômica do Brasil, muitas editoras estrangeiras têm manifestado, atualmente, interesse em traduzir obras brasileiras. Talvez, vislumbrando a possibilidade de que a partir disto sejam estabelecidas relações diplomáticas que viabilizem outras parcerias, em seu entendimento, mais relevantes para atender a fins não literários, como por exemplo, os próprios fins econômicos e políticos.

Dessa maneira, podemos depreender que a patronagem pode auxiliar a divulgação de uma cultura ou mesmo poderá agir de maneira oposta, ou seja, impedindo, inibindo sua circulação além das fronteiras de seu berço de produção.

Quanto a sua função como atividade de divulgação cultural, a tradução pode ainda possibilitar a criação de imagens e representações de uma determinada cultura. Ao fazer alusão aos agentes – pessoas e instituições envolvidas na circulação de reescritas no exterior – Marcia A. P. Martins (2008. 39) aponta que:

Nem sempre o alvo desses agentes é um artista, uma atividade ou um produto isolado; pode ser, por exemplo, a produção literária de um sistema não hegemônico, geralmente com saldo negativo na balança de trocas culturais. Este é o caso da literatura brasileira: além de pouco divulgada e consumida no exterior, tem contribuído para criar imagens e representações parciais e estereotipadas na nossa cultura, diante dos autores e temáticas

comumente selecionados para tradução e que contam ainda com o reforço da mídia e do cinema. De modo geral, os aspectos mais ressaltados têm sido, de um lado, o exotismo, a sensualidade e a religiosidade/misticismo, e de outro, a miséria e a violência urbana.

Deste modo, o que percebemos é a associação da patronagem a questões ideológicas contidas no universo que circundam as reescritas. A patronagem, com vistas a “preparar” o texto para sua recepção em um determinado cenário cultural, trata de manipular, controlar esse texto, de maneira que ele atenda a suas intenções ou ainda que ele ratifique imagens antecipadamente criadas sobre determinadas culturas. Logo, a patronagem confere maior interesse pela ideologia da literatura do que pelos seus rebuscamentos poéticos.

Mas, de que forma, concretamente, a patronagem, como é concebida pelos Estudos de Tradução, está relacionada aos Estudos Culturais?

Tal como nos Estudos de Tradução, temáticas como as citadas por Martins, as quais envolvem gênero, raça, religião e colonialismo fazem parte das pesquisas relacionadas aos Estudos Culturais. Encontramos na tradução um expediente que serve como uma arma crítica na batalha contra os preconceitos e ideologias; encontramos também esse mesmo expediente nos Estudos Culturais.

Do ponto de vista dos Estudos Culturais, as dinâmicas que levam à reflexão sobre os eventos sociais do cotidiano e suas implicações na sociedade – inclusive nas relações sociais, culturais, políticas e econômicas – provocam, por exemplo, reações de indivíduos isolados ou em grupos no sentido de despertar para a condição de dominados em que se encontram ou que se encontraram. Este é o caso de escritores africanos, que viveram durante muito tempo com seus pensamentos sufocados e que tentam por meio da literatura recuperar valores, dignidade, etc., após sua emancipação.

Considerando a perspectiva dos Estudos Culturais, André Mattelart e Érik Neveau (2004, p. 73), sobre essa discussão, aferem que:

Pensar os conteúdos ideológicos de uma cultura nada mais é que perceber, em um contexto dado, em que sistemas de valores, as representações que eles encerram levam a estimular processos de resistência ou de aceitação do *status quo*, em que discursos e símbolos dão aos grupos populares uma consciência de sua identidade e de sua força, ou participam do registro ‘alienante’ da aquiescência às idéias dominantes.

Por isso, faz sentido, pensar sobre como a patronagem atua na representação de uma cultura, qual o papel da patronagem na relação de poder na divulgação de obras reescritas –

considerando que elas fazem parte do conjunto de produtos culturais de um país – assim como é relevante pensar sobre o conteúdo ideológico que ampara o processo de patronagem destas reescritas em determinados contextos literários.

Em virtude de questões como as expostas, pode-se estabelecer um diálogo sincronizado entre os Estudos de Tradução e os Estudos Culturais, na tentativa de compreender como processos que envolvem a patronagem – na esfera literária – podem estar diretamente conectados com as possíveis imagens e representações criadas sobre culturas específicas.

4. Considerações Finais

Nesse estudo, procurei apresentar a proximidade que há entre os Estudos de Tradução desenvolvidos na atualidade e os Estudos Culturais, apontando, desse modo, para elementos que ambas as áreas atribuem atenção especial em seus estudos, tais como: eventos sociais, história, preocupação com o colonialismo cultural, dentre outros.

Na sequência, na tentativa de explicar em que medida a patronagem pode estabelecer um *link* entre os Estudos de Tradução e os Estudos Culturais – caracterizando-se como uma ação interdisciplinar – discuti sobre as questões ideológicas, políticas e sociais que norteiam o processo de tradução, a partir de uma discussão em que o ato de reescrever e a patronagem estão interligados.

Desta maneira, como resultado da reflexão desenvolvida, podemos observar que, na atualidade, as discussões que fazem parte das pesquisas no campo tradutológico estão cada vez mais solidárias as questões que têm um caráter crítico e social.

A mudança no foco dos Estudos de Tradução, nesse sentido, vem se firmando na contemporaneidade, por meio de estudos de pesquisadores como, àqueles elaborados por Lawrence Venutti, Susan Bassnett e, pelo já falecido, André Lefevere. Seus trabalhos, realizados com seriedade e rigor científico, nos mostram que estes estudos vêm consolidando-se, gradualmente, como um campo em que as ações interdisciplinares são necessárias e possíveis.

Referências

BASNETT, SUSAN; LEFEVERE, ANDRÉ. *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*. UK: Multilingual Matters Ltd, 1998.

GENTZLER, Edwin. *Teorias contemporâneas da tradução*. Trad. Marcos Malvezzi. 2 ed. Ver. São Paulo: Madras, 2009.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JOHNSON, Richard SCHULMAN, Norma. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TORRES, Marrie-Hélène C. In GUERINI, Andréia; TORRES, Marrie-Hélène C. COSTA, Walter Carlos (Org.). *Literatura traduzida e literatura nacional*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008. LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.

MARTINS, Marcia A. P. In GUERINI, Andréia; TORRES, Marrie-Hélène C. COSTA, Walter Carlos (Org.). *Literatura traduzida e literatura nacional*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.

MATTELARD, André; NEVEAU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parabola Editorial, 2004.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.